

Arqueologias de Império

**Delfim Leão, José Augusto Ramos,
Nuno Simões Rodrigues (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

IMPERIALISMO NO MUNDO COLONIAL FENÍCIO (Imperialism in the Phoenician colonial world)

ELISA DE SOUSA

(e.sousa@campus.ul.pt; 0000-0003-3160-108X)

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, UNIARQ-Centro de Arqueologia

«Informal imperialism can exist without colonialism but colonialism cannot exist
without imperialism.»
B. Bush

RESUMO - A colonização fenícia no Mediterrâneo Central, Ocidental e nas costas atlânticas teve um impacto muito profundo não só em termos socioeconómicos, mas também culturais nos territórios ultramarinos. A herança oriental irá sobrepor-se, em múltiplas ocasiões, ao substrato autóctone precedente, através de relações de domínio que podem ser interpretadas no âmbito de um imperialismo cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Fenícios; Indígenas; Colonização; Cultura.

ABSTRACT - The Phoenician colonization in the Central and Western Mediterranean and in the Atlantic shores had a deep impact in the overseas territories, not only in terms of society and economy, but also in the cultural scene. The oriental heritage will overlap, in many occasions, the previous indigenous *substratum*, through relations of dominance that can be interpreted under the concept of imperial culturalism.

KEYWORDS: Phoenician; Indigenous; Colonization; Culture.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de um desafio que foi lançado por ocasião do Seminário Interdisciplinar de História Antiga, *Arqueologias de Império – Impérios da Era Axial*, relacionado com a questão da existência, ou não, de uma qualquer vertente de cariz imperialista no quadro da diáspora fenícia do Extremo Ocidente. A resposta a esta problemática não é, naturalmente, fácil de abordar, considerando a escassez de dados históricos e também arqueológicos sobre aspetos específicos do processo de colonização fenícia do Mediterrâneo Central e das regiões mais ocidentais, sobretudo no quadro de eventuais conflitos que se possam ter gerado entre estes grupos e as populações locais. Ao que tudo indica, não terá existido um componente de cariz marcadamente militar no quadro destes contactos, nem sequer uma forte intenção de conquista territorial destes

novos territórios por parte dos colonos orientais, pelo menos numa fase inicial¹. Contudo, é inegável que a expansão de valores culturais de matriz orientalizante atinge um alcance verdadeiramente notável tendo, em diversos cenários, quase obliterado as tradições autóctones. Com efeito, e sobretudo a partir do século VIII e VII a.C., que corresponde à fase de máximo apogeu deste fenómeno colonial, surge, em todo o Ocidente Mediterrâneo e em parte do litoral atlântico, uma autêntica *koiné* orientalizante que se irá manter durante mais de duzentos anos.

A difusão da cultura semita nestes territórios longínquos prendeu-se, necessariamente, com a existência de relações de domínio e de poder² desiguais entre os recém-chegados e as comunidades autóctones com quem entraram em contacto. Neste sentido, torna-se, então, possível falar de um imperialismo fenício, de cariz essencialmente cultural³, que, de certa forma, se impôs sobre sistemas socioculturais pré-existentes.

Naturalmente, estas relações não tiveram um carácter exclusivamente unilateral, sofrendo as próprias comunidades fenícias instaladas nos territórios ultramarinos metamorfoses que irão configurar, ainda durante a primeira metade do 1º milénio a.C., diferentes quadros culturais. No entanto, a existência e sobrevivência de um substrato de matriz oriental constitui uma evidência inegável nas margens mediterrâneas e atlânticas do Ocidente do Velho Mundo.

2. A FENÍCIA E OS ANTECEDENTES DA COLONIZAÇÃO

A existência de um imperialismo cultural fenício não foi um fenómeno que se verificou exclusivamente no quadro da colonização ocidental.

Apesar das cidades fenícias do Oriente se terem configurado, ao longo da sua história, como entidades fundamentalmente autónomas e independentes, é possível identificar certas conjunturas onde um ou vários destes núcleos conseguiram alcançar um certo poder hegemónico.

A partir da chamada crise de 1200 a.C. e, sobretudo, durante quase toda a primeira metade do 1º milénio a.C., a principal protagonista destes episódios foi a cidade de Tiro. Em finais do 2º milénio a.C., e na sequência das profundas transformações e reestruturações económicas, políticas, sociais e comerciais que irão afetar o Próximo Oriente durante os momentos iniciais da Idade do

¹ Contudo, outras formas de agressão são equacionáveis no âmbito da interação entre comunidades autóctones e os agentes colonizadores, como foi já defendido por Wagner 2005, 178.

² Bush 2006.

³ Neste trabalho é utilizada uma definição simplificada de uma terminologia criada a partir da segunda metade do século XX, denominada de «imperialismo cultural», e com implicações sobretudo no campo do pós-colonialismo. Sobre a problemática relativa à multiplicidade de abordagens e interpretações relativas a este conceito ver Tomlinson 1991.

Ferro⁴, este centro urbano parece ter emergido como uma das principais entidades comerciais da área, substituído, ao que parece, o papel anteriormente desempenhado por Ugarit⁵.

Esta hegemonia tíria chegou, em determinados momentos, a ultrapassar a mera esfera cultural e comercial, revestindo-se de um carácter inclusivamente político, aproveitando o decréscimo do poder egípcio sobre a região⁶. Não é, portanto, de estranhar que esse núcleo tenha constituído, anos mais tarde, um dos principais impulsionadores na empresa colonial fenícia no Ocidente⁷.

É ainda durante os momentos iniciais da Idade do Ferro no Próximo Oriente, a partir da segunda metade do século XI a.C., que se verificam os primeiros indícios desta política expansionista tíria, que exerce uma influência que se irá tornar progressivamente mais evidente no vale de Jezrael. Os dados arqueológicos recolhidos nesta área, particularmente no quadro da composição dos espólios funerários da necrópole de Achziv, evidenciam uma importante presença tíria que terá tido como principais objetivos o controle de importantes recursos agrários, industriais e também comerciais⁸. Paralelamente, é também durante esta fase que se observam quantidades muito significativas de importações tírias em algumas áreas de Chipre, como é o caso da necrópole de Paleopaphos *Skales*, cuja intensidade conduziu, inclusivamente, à admissão da existência de grupos fenícios nos centros urbanos da região⁹. Tal fenómeno poderia ser também uma realidade em Creta, concretamente em Kommos¹⁰.

Contudo, e apesar desta crescente influência tíria no Próximo Oriente a partir da segunda metade do século XI a.C., o cenário político parece revestir-se de um carácter ainda pouco centralizado, onde a iniciativa privada teria uma importância acrescida¹¹, situação que parece alterar-se em momentos sucessivos¹².

Com efeito, os monarcas tírios das primeiras centúrias do 1º milénio a.C. transformaram a cidade numa das principais potências marítimas e comerciais do Próximo Oriente¹³, capaz de controlar e monopolizar os principais mercados e rotas comerciais da área. Os títulos que ostentavam, por exemplo, Hiram I (970/969-936 a.C.), *Rei de Tiro e da Fenícia*, e Ithobaal I (887-856 a.C.), *Rei dos Sidónios*, são indicadores da primazia da cidade sobre os restantes

⁴ Para uma síntese atualizada ver Ruiz-Gálvez Priego, 2013.

⁵ Aubet 2000.

⁶ Finkelstein e Piasetzky 2009; Ruiz-Gálvez Priego 2013 e 116.

⁷ Aubet 1994.

⁸ Aubet 2000.

⁹ Karageorghis 1983; Bikai 1983; Aubet 2000, 80; Ruiz-Gálvez Priego 2013, 125.

¹⁰ Aubet 2000; Shaw 1998.

¹¹ Ruiz-Gálvez Priego 2013, 125.

¹² Galán e Ruiz-Gálvez 2007.

¹³ Aubet 2008, 182-83

núcleos fenícios. Tal realidade transparece, inclusivamente, na existência de uma confederação entre Tiro e Sidón durante os séculos IX e VIII a.C., onde parecem ter sido os reis tírios os que exerceram, de forma efetiva, o poder¹⁴. A influência política de Tiro sobre outras cidades fenícias, como Biblos, verifica-se pela fundação de um estabelecimento comercial tírio (*Botrys*) no interior no território giblita¹⁵. Também em áreas mais longínquas, como o norte da Síria e Cilícia, a existência de núcleos fundados por Tiro parece ter desencadeado uma forte influência política e cultural, a julgar por algumas estelas e inscrições recuperadas. Por outro lado, cabe não esquecer o controle de algumas cidades da área israelita, em consequência do tratado estabelecido entre Hiram I e Salomão¹⁶. Recentes investigações sobre a veracidade histórica destes relatos bíblicos têm posto em questão vários aspetos até então assumidos, entre os quais as aparentes relações de igualdade aí sugeridas entre a monarquia tíria e a israelita. Com efeito, os dados arqueológicos que têm sido recolhidos na região parecem contrariar as informações escritas¹⁷, indicando que Tiro terá exercido um domínio efetivo sobre estes territórios, sendo, inclusivamente, proposto que os próprios reis israelitas estariam, de certa forma, dependentes da casa real tíria¹⁸.

Este incremento da posição hegemónica de Tiro durante os inícios do 1º milénio a.C. respondeu, claramente, a condicionantes económicas estratégicas. O controle de redes comerciais e da exploração de áreas essenciais para a obtenção de recursos, quer metalíferos, quer agrícolas, terão sido os principais motivos que subjazem à preeminência de Tiro face às restantes cidades fenícias e outras áreas do Próximo Oriente.

Mesmo a partir do século IX a.C., quando a pressão assíria se faz sentir de forma mais substancial no Próximo Oriente, as cidades fenícias parecem ter continuado a usufruir de um estatuto privilegiado¹⁹, situação que é justificada pela importância destes núcleos no quadro dos principais circuitos comerciais da região. Com efeito, os tributos entregues por Tiro aos monarcas assírios são verdadeiramente impressionantes, quer em diversidade quer em quantidade, o que mostra a riqueza da cidade durante esta fase²⁰. Mesmo as campanhas militares assírias no norte da Síria, que aparentemente terão condicionado o acesso das metrópoles fenícias às matérias-primas da Anatólia²¹, não terão tido impactos insuperáveis no quadro económico e comercial destes núcleos, quicá

¹⁴ Markoe 2000, 39.

¹⁵ Aubet 1994, 50.

¹⁶ Aubet 1994, 53 e 76.

¹⁷ Finkelstein e Silberman 2007; Liverani 2005; Martín Ruiz 2010.

¹⁸ Martín Ruiz 2010, 26; Ruiz e Wagner 2005, 108.

¹⁹ Markoe 2000, 40; Aubet 2008.

²⁰ Jankowska 1969; Zaccagnini 1984; Bunnens 1985; Aubet 2008, 183.

²¹ Aubet 1994, 54.

devido justamente à aquisição de outros recursos estratégicos, derivados da política colonial ultramarina, que seria, nesta altura, já uma realidade²².

A reestruturação da rede comercial das cidades fenícias e o seu redireccionamento progressivamente sistemático face aos circuitos ocidentais, que garantiam matérias-primas essenciais para a indústria do Próximo Oriente, terá tido o seu início ainda durante o século X a.C., intensificando-se sobretudo a partir da centúria seguinte²³, possivelmente em consequência dos esforços em manter o seu imperialismo comercial no Próximo Oriente e para fazer face à crescente pressão tributária assíria.

Estes primeiros contactos entre o mundo fenício-chipriota e o Extremo Ocidente encontram-se arqueologicamente plasmados nas extraordinárias descobertas realizadas recentemente em Huelva²⁴, e também pela própria presença, em contextos coevos, de materiais supostamente produzidos nesta mesma área²⁵ no Próximo Oriente, como é o caso das fíbulas de tipo Huelva descobertas em Meggido²⁶ e nos contextos funerários de Achziv²⁷ e do túmulo 523 de Amathus²⁸. Estas evidências arqueológicas de contactos entre o Próximo Oriente e o Extremo Ocidente têm sido associadas a acontecimentos históricos descritos nos textos bíblicos, que ocorreram sobretudo durante o final do reinado de Hiram I, em concreto as expedições a *Tarsish*, realizadas em parceria com Salomão²⁹.

Para além destes passos iniciais no Extremo Ocidente, a reestruturação da política económica e comercial tíria refletiu-se, paralelamente, também na fundação de outras colónias no Mediterrâneo durante o último quartel do séc. IX a.C.³⁰ Em 820 a.C., a fundação de Kition, na ilha de Chipre, permitiu o controlo dos recursos de cobre da ilha e das suas redes comerciais³¹. Poucos anos depois, e de acordo com os dados das fontes clássicas, em 814 e 813 a.C., momentos que se parecem aproximar das recentes datações rádio carbónicas obtidas em escavações recentes³², os tírios fundaram Cartago, metrópole que se tornou num ponto estratégico para o acesso aos recursos e redes comerciais do Mediterrâneo Central e também um núcleo de apoio para a exploração dos territórios mais ocidentais.

²² Mederos Martín 2006; Aubet 2008; Nuñez 2015.

²³ Mederos Martín 2006, 179; Nuñez 2015, 28-29.

²⁴ González de Canales, Serrano et Llombart 2005.

²⁵ Mederos 1996.

²⁶ Finkelstein e Piasezky 2006; Ruiz Galvez 2013, 137.

²⁷ Ruiz-Gálvez Priego 2013, 120.

²⁸ Karageorghis 1987.

²⁹ Mederos Martín 2006, 179; Nuñez 2015, 29.

³⁰ A fundação de Auza, presumivelmente localizada no litoral líbio, seria anterior a esta data, tendo ocorrido durante o reinado de Ihobaal (887-856 a.C.). No entanto, a inexistência de dados arqueológicos que permitam confirmar a sua antiguidade e a própria existência justificam a sua omissão neste trabalho.

³¹ Aubet 1994, 55.

³² Docter et al. 2005.

Até aos meados do século VIII a.C., Tiro parece ter mantido a sua autonomia, hegemonia e prestígio comercial no Próximo Oriente³³. É apenas a partir deste momento, quando verifica uma maior pressão tributária e uma política expansionista agressiva por parte do império assírio, que a situação se altera, podendo ter gerado uma intensificação da colonização ultramarina. Durante os reinados de Tiglatpilaser III e Sargão II³⁴, as campanhas militares assírias resultaram na conquista de várias áreas da costa fenícia, tendo como consequência a redução dos territórios de exploração, deportações, e inclusive perda de alguma autonomia política, ainda que Tiro tenha permanecido, *grosso modo*, independente³⁵. Contudo, a instabilidade, carências alimentares e de matérias-primas, assim como as fortes pressões demográficas e tributárias, parecem ser os principais fatores que desencadeiam uma nova vaga colonial que atingiu o Mediterrâneo Central e Ocidental e chegou, inclusivamente, e ainda que de forma indireta, ao litoral atlântico³⁶. A principal justificação para uma tão extensa diáspora tem sido a necessidade de captar recursos estratégicos, provavelmente metalíferos, indisponíveis em áreas mais próximas. No caso concreto da Península Ibérica, para além dos recursos auríferos e estaníferos atlânticos, convém recordar a riqueza argentífera da zona de Huelva (Rio Tinto), sendo esta uma das áreas nevrálgicas do mundo fenício ocidental³⁷. Contudo, as pressões demográficas que seguramente se terão sentido no Próximo Oriente, durante esta fase, poderão também explicar esta intensificação do fenómeno colonial, assim como a instalação de novos núcleos em áreas mais afastadas dos principais recursos mineiros, como ocorre, por exemplo, na área de Málaga³⁸.

Independentemente das referências das fontes clássicas, que estabelecem o início desta colonização ainda em finais do 2º milénio a.C.³⁹, este processo está arqueograficamente atestado apenas a partir, sobretudo, do século IX e, de forma mais intensiva e sistemática, durante os séculos VIII e VII a.C. Com efeito, é partir destes momentos que se comprova a presença fenícia em locais como Útica, *Leptis Magna*, *Hippo*, *Hadrumentum*, Cartago (Tunísia), *Motya*, *Solunto*, Palermo (Sicília – Itália), *Nora*, *Sulcis*, *Tharros*, *Bithia*, *Caralis* (Sardenha – Itália), Ceuta, Mogador, *Lixus* (Marrocos), Cádiz, Castillo de Doña Blanca, Huelva,

³³ Aubet 2008, 185.

³⁴ Markoe 2000, 41-44.

³⁵ Aubet 1994, 60; Aubet 2008, 186.

³⁶ Arruda 1999-2000; Dietler 2009, 7.

³⁷ Aubet 1994, 242-243.

³⁸ Wagner e Alvar 1989 e 2003; Wagner 2005, 183.

³⁹ Veleio Patérculo situa a fundação de Gadir (atual Cádiz), cerca de 80 anos depois da queda de Tróia (1110 ou 1104 a.C.), sendo Útica, na costa tunisina, fundada pouco mais tarde (1100 a.C.). Por sua vez, Plínio indica que Lixus, na costa marroquina, possuía um templo dedicado a Melkart ainda mais antigo que o de Gadir, pelo que seria o estabelecimento mais antigo da diáspora fenícia no Ocidente.

Carambolo, Sevilha, Cerro Macareno, Carmona, Morro de Mezquetilla, Chorreras, Cerro del Villar, Cerro del Prado, Toscanos, Málaga, Cerro Alarcón, Sexi, Abdera, La Fonteta (Espanha), Tavira, Castelo de Castro Marim, Abul, Alcácer do Sal, Setúbal, Lisboa, Almaraz, Santarém, Santa Olaia (Portugal) e também nas ilhas de Pantelária, Lampedusa, Gozo e Malta⁴⁰.

3. OS CONTACTOS COLONIAIS

A maior parte dos territórios atingidos pela vaga colonizadora fenícia eram já ocupados por comunidades indígenas do Bronze Final. Apesar de estas últimas serem notavelmente diversificadas em termos políticos, sociais e culturais, os dados existentes até ao momento indicam que partilhavam estratégias económicas baseadas sobretudo na agricultura e pecuária e, apesar de manterem, em vários casos, contactos de índole comercial com outras áreas mediterrâneas⁴¹, os impactos sofridos até então não são comparáveis aos que se irão verificar com a instalação efetiva de colonos orientais no território.

Independentemente do grau de complexidade sociocultural que as culturas do Bronze Final possam ter atingido nos momentos que precederam o início da colonização fenícia, é inegável a sua inferioridade tecnológica em relação aos recém-chegados. Esta disparidade terá constituído um dos principais fatores de impacto durante os primeiros contactos estabelecidos.

Com efeito, as comunidades que fundaram as novas colónias fenícias detinham o conhecimento de tecnologias mais avançadas, como, por exemplo, a produção de cerâmicas a torno, de objetos de pasta vítrea, o uso do moinho giratório e a redução do ferro. Os modelos arquiteturais utilizados eram completamente distintos, estando consubstanciados, por exemplo, em construções de planta retangular e em arquiteturas mais complexas do que as utilizadas pelas populações indígenas⁴². Sobre as suas práticas culturais e religiosas, quer de âmbito doméstico quer de âmbito mais institucional, são ainda poucos os dados disponíveis, ainda que os existentes indiquem clivagens muito significativas com as tradições autóctones, particularmente no quadro do aparato cerimonial, arquitetura religiosa e conotações simbólicas.

As relações estabelecidas entre fenícios e as elites das comunidades locais podem ter sido iniciadas nos parâmetros da troca de *keimelia*, que estabelecem não só vínculos meramente económicos mas também de forte índole sociocultural⁴³, que terão aberto redes comerciais futuras⁴⁴. Tais ligações parecem ter tido

⁴⁰ Aubet 1994, 146-49.

⁴¹ Para uma síntese atualizada deste processo, ver Ruiz Galvéz Priego 2013.

⁴² Arruda 2010, 439.

⁴³ Mauss 1970; Parise 2000, 29-30.

⁴⁴ Aubet 1994, 123, 125-26.

consequências avassaladoras no interior da dinâmica quotidiana das populações autóctones. Se, por um lado, o incremento de elementos considerados de prestígio poderá ter intensificado certas divisões sociais pré-existentes, beneficiando as elites locais⁴⁵, tais produtos terão constituído, simultaneamente, veículos de difusão da cultura fenícia nos territórios ultramarinos⁴⁶. A desigualdade das trocas estabelecidas não é, nesta perspetiva, uma questão a considerar, dado que o significado de produtos e objetos tem de ser, necessariamente, avaliado nos contextos socioculturais em que circula.

Cabe também não esquecer que a instalação de comunidades orientais implicou a trasladação de costumes e práticas políticas, sociais, religiosas e culturais⁴⁷ que não passaram, seguramente, despercebidas às comunidades indígenas. A sua influência terá tido repercussões na estrutura interna destas sociedades, num processo geralmente denominado por «orientalização»⁴⁸ das comunidades ocidentais. Com efeito, as principais divindades do panteão fenício oriental, Baal, Melkart e Astarté, foram transpostas para os ambientes coloniais, existindo indícios que permitem estabelecer que, em determinadas áreas, tais cultos terão sido também adotados pelos grupos indígenas⁴⁹.

Por outro lado, a necessidade de aplicar novas tecnologias de forma a incrementar a exploração dos recursos locais, sobretudo metalíferos, terá estado na origem da instalação de autênticos bairros fenícios em povoados indígenas de várias áreas, despoletando em definitivo o processo de «orientalização»⁵⁰.

Por último, e não menos importante, a provável existência de alianças políticas sistemáticas entre as comunidades autóctones e os grupos orientais, possivelmente substanciadas em «matrimónios mistos», terá seguramente contribuído para este processo⁵¹, dando origem a novas gerações educadas, em grande parte, no quadro dos valores culturais semitas.

Com efeito, em pouco tempo, os elementos culturais de cariz orientalizante serão aqueles que irão marcar o registo arqueológico das áreas colonizadas durante a primeira metade do 1º milénio a.C.

Em alguns casos conhecidos, como por exemplo no litoral atlântico da Península Ibérica, o mundo indígena dos inícios do milénio praticamente desapareceu quando se iniciaram os contactos coloniais⁵². Os modelos de povoamento colapsaram, as estratégias de exploração do território alteraram-se,

⁴⁵ Delgado Hervás 2008, 32.

⁴⁶ A utilização destes bens de prestígio é particularmente observável, por exemplo, nos contextos funerários do sul da Andaluzia e Extremadura espanhola.

⁴⁷ Belén Deamos 2009.

⁴⁸ Dietler 2009, 23.

⁴⁹ Belén Deamos 2009.

⁵⁰ Delgado Hervás 2008; Aubet 2012.

⁵¹ Ruiz Galvez Priego 2013, 236.

⁵² Arruda 2014, 531.

a cultura material transformou-se e os ritos e costumes funerários adquiriram novas particularidades, que se prendem mais com costumes semitas que com as tradições da Idade do Bronze. Com efeito, uma parte muito significativa dos povoados de altura dos inícios do 1º milénio foram abandonados aquando da instalação de gentes orientais no território e, nos casos em que se observou uma continuidade, a arquitetura e a cultura material assumiram, a partir de então, um carácter marcadamente oriental⁵³.

É provável que estas populações autóctones tenham sido, pelo menos em parte, absorvidas pelos núcleos de habitat ocupados durante os momentos iniciais da Idade do Ferro. Quer em locais de cariz mais indígena quer em centros de natureza colonial, observa-se, em maior ou menor quantidade, a presença de produções cerâmicas que se inscrevem ainda nas tradições do Bronze Final⁵⁴. No entanto, a sua relevância parece diminuir progressivamente ao longo do tempo, atingindo percentagens muito reduzidas durante os finais da primeira metade do 1º milénio a.C.

Uma situação muito similar é também evidente em outras áreas do Mediterrâneo, como no sul da Sardenha, onde as notáveis estruturas nurágicas que caracterizam as fases finais da Idade do Bronze desta área parecem ter sido abandonadas, salvo algumas exceções, durante os inícios da Idade do Ferro⁵⁵, coincidindo com a fase inicial da instalação permanente de populações orientais no território.

É, contudo, ainda difícil determinar se estas alterações se relacionam diretamente com a evolução da política colonial semita, que adquire, nestes momentos, um carácter efetivo e permanente, ou se terão sido uma consequência de fatores de instabilidade internos despoletados no quadro dos contactos pré-coloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados que a análise histórica e arqueológica tem vindo a revelar já não permitem defender que a presença fenícia nos territórios coloniais se limitou a meras transações de cariz comercial e à necessidade de obtenção de matérias-primas. Os contactos que estas comunidades estabeleceram com as populações indígenas alteraram, de forma definitiva e irremediável, o contexto político, social e cultural dos grupos intervenientes.

Mesmo admitindo um carácter essencialmente pacífico que terá determinado a natureza desses contactos⁵⁶, a «conquista» destas áreas longínquas

⁵³ Veja-se, por exemplo, o caso da área de Huelva e do Vale do Guadalquivir, no sul do território peninsular.

⁵⁴ Arruda 1999-2000; Azuar et al. 1998; González Prats 1998; Rouillard et al. 2007; Aubet et al. 1999; Delgado e Ferrer 2007; Torres Ortíz et al. 2014; Sousa 2015 e 2016.

⁵⁵ Ruiz Galvez Priego 2005.

⁵⁶ Este carácter «pacífico» tem, contudo, vindo a ser discutido no contexto da colonização

transformou-se numa realidade. Ainda que os mecanismos dessa difusão não tenham adotado os cânones das verdadeiras potências imperiais do mundo antigo, definidos, sobretudo pela imposição de relações de domínio através de meios políticos e militares, a «cultura» fenícia converteu-se numa «arma» de eficácia extraordinária na legitimação e consolidação da presença oriental nos territórios colonizados.

Determinar a verdadeira intencionalidade desta «conquista silenciosa» é uma questão difícil de abordar. Com a eventual exceção de Cartago, as colónias fenícias no Mediterrâneo Central, Ocidental e do Atlântico nunca deram indícios de políticas territoriais agressivas, e a componente militar parece estar, em grande parte, ausente no projeto de expansão. Os intuitos de cariz essencialmente comercial que subjazem a este processo poderão ter amenizado, numa primeira fase, eventuais confrontos com as comunidades locais, uma vez que as transações seriam benéficas, pelo menos nos quadros sociopolíticos superiores, para ambas as partes intervenientes. A difusão de valores culturais orientais pode ser encarada como uma consequência espontânea da fixação de gentes fenícias em novos territórios. O seu efeito foi, contudo, evidente, dado que resultou na criação de uma *koine* cultural orientalizante que, em algumas zonas, como é o caso do ocidente Atlântico do território peninsular⁵⁷, só será substituída com a romanização.

Com efeito, durante a fase inicial da Idade do Ferro (séc. IX a VI a.C.), a cultura material do litoral do Mediterrâneo Central e Ocidental, assim como da fachada atlântica da Península Ibérica e de Marrocos, reveste-se de características que são facilmente rastreáveis, na sua génese, ao mundo oriental, ainda que possam ter adquirido, posteriormente, feições mais regionais. No quadro das produções cerâmicas, dominam os vasos feitos a torno, que se integram nas principais categorias morfo-funcionais do mundo semita (cerâmicas de engobe vermelho, ânforas de transporte de produtos alimentares, vasos de armazenamento com decorações pintadas, etc.). Os modelos arquitetónicos, substanciados em estruturas de planta ortogonal, por vezes organizadas em torno a pátios centrais, e as próprias técnicas construtivas utilizadas revestem-se, também elas, de um claro cariz oriental, encontrando-se difusas por todas as áreas directa ou indirectamente afetadas pela diáspora fenícia. Mesmo no plano religioso, funerário e cultural são frequentes as manifestações que se podem relacionar diretamente com esse processo, como se verifica pela adoção de cânones orientais na construção de edifícios religiosos, nas evidências do culto de divindades do Próximo Oriente e na ampla disseminação de práticas e ritos funerários fenícios⁵⁸.

fenícia ocidental – Wagner 2005.

⁵⁷ Arruda 1999-2000; Sousa 2016.

⁵⁸ Entre outros, Arruda 1999-2000; Aubet 1994; Frankestein 1997; López Castro 2007; Ruiz Mata et Celestino Pérez 2001.

Contudo, reconstituir a história de períodos tão remotos e em territórios tão periféricos face aos núcleos primários da produção de documentos escritos esbarra, inevitavelmente, na ausência de dados concretos que permitam confirmar ou refutar modelos interpretativos. O registo arqueológico, por si só, é, em grande parte, insuficiente, na medida em que os dados que se podem extrair destes vestígios do passado são, pela sua natureza, muito limitados. A dificuldade de avaliar a multiplicidade do seu significado e de compreender o seu contexto cultural nas várias dimensões existentes entre o indivíduo e a comunidade pode, por vezes, desmotivar tentativas de interpretação do passado.

Compreender a verdadeira essência dos primeiros contactos estabelecidos entre colonos fenícios e comunidades indígenas torna-se, assim, numa tarefa virtualmente impossível. É inegável que os grupos intervenientes neste processo são heterogéneos na sua composição. Cada comunidade indígena envolve um grau de complexidade que escala divisões sociais no seu interior. Entre escravos, agricultores, metalurgistas, sacerdotes e elites político-sociais oscilam valores, costumes e práticas culturais, assim como a sua interpretação de fenómenos contemporâneos. Os próprios grupos fenícios não são, por outra parte, uma entidade homogénea. Apesar do peso que Tiro seguramente exerceu na diáspora para Ocidente, a presença de indivíduos com origens distintas, quer em termos geográficos (Sidón, Biblios, Chipre, e mesmo de outras áreas do Mediterrâneo), quer em termos sociais, implica uma multiplicidade cultural que mal conseguimos ainda interpelar⁵⁹.

Por outro lado, é também indiscutível que os contactos entre estes grupos heterogéneos não se revestiram de um carácter unilateral, e que a sociedade dos colonizadores foi alterada estruturalmente pelas ligações com a multiplicidade de comunidades autóctones. As diferentes áreas orientalizadas exibem, com efeito, num curto período temporal, características próprias que permitem a sua ulterior individualização.

No entanto, e apesar de todas as condicionantes previamente indicadas, a sobrevivência de elementos culturais fenícios nos territórios colonizados e a desestruturação dos sistemas pré-existentes refletem a difusão e predomínio de valores, costumes e práticas orientais sobre outras comunidades⁶⁰. No âmbito destas relações desiguais de domínio e poder «cultural» pensamos que é possível legitimar a existência de um imperialismo fenício no seu mundo colonial, que terá vigorado até aos meados do 1º milénio a.C.

⁵⁹ Belén Deamos 2009, 197.

⁶⁰ Arruda 1999-2000; 2014.

BIBLIOGRAFIA

- Arruda, Ana Margarida. 2014. “A oeste tudo de novo. Novos dados e outros modelos interpretativos para a orientação do território português.” In *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, ed. A. M. Arruda, 512-35. Lisboa: Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- . 2010. “Fenícios no território actualmente português: e nada ficou como antes.” In *El Carambolo. 50 años de un tesoro*, 439-52. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- . 1999-2000. *Los fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.). Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- Aubet, Maria Eugenia. 2012. “El barrio comercial fenicio como estrategia colonial.” *Rivista di Studi Fenici* 40 (2):221-36.
- . 2008. “Political and economical implications of the new phoenician chronologies.” In *Beyond the homeland. Markers in Phoenician chronology*, ed. C. Sagona, 179-91. Leuven: Peeters.
- . 2000. “Aspects of Tirian trade and colonization in the Eastern Mediterranean.” *Munsterche Beitrage zur Antiken Handelsgeschichte* 19 (1):70-120.
- . 1994. *Tiro y las colonias fenicias de Occidente. Edición ampliada y puesta al día*. Barcelona: Crítica.
- Aubet, Maria Eugenia, P. Carmona, E. Curià, A. Delgado, A. Fernández Cantos e M. Párraga. 1999. *Cerro del Villar. 1. El asentamiento fenicio en la desembocadura del rio Guadalhorce y su interacción con el hiterland*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- Azuar, R., P. Rouillard, E. Gailledrat, F. Sala Sellés e A. Badie. 1998. “El asentamiento orientalizante e ibérico antiguo de «La Rabita» (Guardamar del Segura, Alicante). Avance de las excavaciones 1996-1998.” *Trabajos de Prehistoria* 55 (2):111-26.
- Belén Deamos, M. 2009. “Phoenicians in Tartessos.” In *Colonial Encounters in Ancient Iberia*, 193-228. Chicago: Chicago University Press.
- Bikai, P. M. 1983. “The Imports from the East.” In *Palaepaphos-Skales. An Iron Age Cemetery in Cyprus*, ed. V. Karageorghis, Vol. 2, 396-406. Konstanz: Universitatverlag Konstanz / Deutsches Archaologisches Institut.
- Bunnens, G. 1985. “Le luxe phénicien d’après les inscriptions royales assyriennes.” *Studia Phoenicia* 3:121-33.
- Bush, B. 2006. *Imperialism and postcolonialism*. Harlow: Pearson Education.

- Delgado Hervás, A. 2008. "Colonialismos fenicios en el sur de Iberia. Historias precedentes y modos de contacto." In *De Tartessos a Manila. Siete estudios coloniales y poscoloniales*, 19-32. Valencia : Universidad de Valencia.
- Delgado, A. e M. Ferrer. 2007. "Cultural Contacts in Colonial Settings. The construction of New Identities in Phoenician Settlements of the Western Mediterranean." *Stanford Journal of Archaeology* 5:18-42.
- Dietler, M. 2009. "Colonial Encounters in Iberia and the Western Mediterranean." In *Colonial Encounters in Ancient Iberia*, 3-48. Chicago: Chicago University Press.
- Docter, R., H. Niemeyer, A. J. Nijboer e J. Van der Plicht. 2005. "Radiocarbon dates of animal bones in the earliest levels of Carthage." In *Oriente e Occidente: metodi e discipline a confronto. Riflessioni sulla cronologia dell'età del Ferro in Italia*, ed. G. Bartoloni e F. Delpino, 557-77. Roma: Istituti Editoriali Poligrafici Internazionali.
- Finkelstein, I. e N. A. Silberman. 2007. *David y Salomón: en busca de los reyes sagrados de la Biblia y las raíces de la tradición occidental*. Madrid: Siglo XXI.
- Filkensten, I. e E. Piasetvsky. 2009. "Radiocarbon-dated destruction layers: a skeleton for Iron Age chronology in the Levant." *Oxford Journal of Archaeology* 28 (3):255-74.
- . 2006. "14C and Iron Age chronological debate: Rehov, Khibet-en-Nahas, Dan and Megiddo." *Radiocarbon* 48 (3):373-86.
- Frankenstein, S. 1997. *Arqueologia del colonialismo. El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Iberica y el suroeste de Alemania*. Barcelona: Crítica.
- Galán, E. e M. Ruiz-Galvéz Priego. 2007. "Writing ciphers, self-consciousness and private trade at the eve of the Phoenician colonization." In *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, ed. A. M. Arruda, 229-37. Lisboa, Uniarq / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- González de Canales, F., L. Serrano e J. Llombart. 2005. *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 900-770 a.C.)*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Jankowska, N. B. 1969. "Some problems of the economy of the Assyrian empire." In *Ancient Mesopotamia. Socio-economic History. A Collection of Studies by Soviet Scholars*, 253-76. Moscow: USSR Academy of Science.
- González Prats, A. 1998. "La Fonteta. El asentamiento fenicio de la desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante, España). Resultados de las excavaciones de 1996/1997." *Rivista di Studi Fenici* 26 (2):191-28.
- Karageorghis, V. 1987. "Chronique des fouilles et découvertes à Chypre 1986." *Bulletin de Correspondence Hellénique* 111 (2):663-733.
- . ed. 1983. *Palaepaphos-Skales. An Iron Age Cemetery in Cyprus*. Konstanz: Universitatverlag Konstanz / Deutsches Archäologisches Institut.

- Liverani, Mario. 2005. *Más Allá de la Biblia. Historia Antigua de Israel*. Barcelona: Crítica.
- Castro, J. L. López, ed. 2007. *Las ciudades fenicio-púnicas en el Mediterráneo Occidental*. Almería: Universidad de Almería / Centro de Estudios Fenicios y Punicos.
- Markoe, Glenn. 2000. *Phoenicians*. Berkeley: University of California Press.
- Martín Ruiz, J. A. 2010. "Hiram I, rey de Tiro." *Herakleion* 3:7-35.
- Mauss, M. 1970. *The Gift. Forms and functions of Exchange in archaic societies*. London: Cohen and West.
- Mederos Martín, A. 2006. "Fenicios en Huelva, en el siglo X AC, durante el reinado de Hirām I de Tiro." *Spal* 15:167-88.
- . 1996. "La conexión levantino-chipriota. Indicios de comercio atlántico com el Mediterráneo Oriental durante el Bronce Final (1150-950 a. C.)." *Trabajos de Prehistoria* 52 (5):95-115.
- Núñez, F. J. 2015. "Reflexiones sobre la cronología de los inicios de la Edad del Hierro en el Mediterráneo occidental y sus problemas." *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 41:23-37.
- Parise, N. 2000. *La nascita della moneta. Segni premonetari e forme arcaiche dello scambio*. Roma: Donzelli editore.
- Shaw, J. 1998. "Kommos in Southern Crete: na Aegean barometer for East-West interconnections." In *Eastern Mediterranean: Cyprus- Dodecanese-Crete. 16th – 6th cent. BC*, ed. V. Karageorghis e N. Stampolidis, 13-28. Atenas: Universidade de Creta / A. G. Leventis Foundation.
- Sousa, E. 2016. "A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material." *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 42:167-85.
- . 2015. "The Iron Age occupation of Lisbon." *Madrider Mitteilungen* 56:109-38.
- Rouillard, P., E. Gailledrat e F. Sala Sellés. 2007. *L'établissement protohistorique de La Fontenta (fin VIIIe – fin VIe siècle av. J. C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.
- Ruiz, L. A. e C. Wagner. 2006. "David, Salomón e Hiram de Tiro: una relación desigual." *Isimu* 8:107-12.
- Ruiz-Galvéz Priego, M. 2013. *Con el fenicio en los talones. Los inicios de la Edad del Hierro en la cuenca del Mediterráneo*. Barcelona: Bellaterra Arqueología.
- . ed. 2005. *Territorio nurágico y paisaje antiguo. La meseta de Pranemuru (Cerdeña) en la Edad del Bronce*. Madrid: Universidad Complutense.

- Ruiz Mata, D. e S. Celestino Pérez, eds. 2001. *Arquitectura oriental y Arquitectura orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Tomlinson, J. 1991. *Cultural Imperialism: a critical introduction*. London: Continuum.
- Torres Ortíz, M., E. López Rosendo, J. M. Gener Basallote, M. A. Navarro García e J. M. Pajuelo Sáez. 20014. “El material cerámico de los contextos fenicios del “Tetaro Cómico” de Cádiz: un análisis preliminar.” In *Los Fenicios en la Bahía de Cádiz. Nuevas investigaciones*, ed. M. Botto, 51-82. Pisa / Roma: Fabrizio Serra.
- Wagner, C. 2005. “Fenicios en el Extremo Occidente: conflicto y violencia en el contexto colonial arcaico.” *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (2):177-92.
- Wagner, C. e J. Alvar. 2003. “La colonización agrícola en la Península Ibérica. Estado de la cuestión y nuevas perspectivas.” In *Ecohistoria del paisaje agrario. La agricultura fenicio-púnica en el Mediterráneo, 187-203*. Valencia: Universitat de Valencia.
- . 1989. “Fenicios en Occidente: la colonización agrícola.” *Rivista di Studi Fenici* 17:61-102.
- Zaccagnini, C. 1984. “La circolazione dei beni di lusso nelle fonti neo-assire.” *Opus* 3:235-47.

